

## CARTA DOS EDITORES

### Nosso periódico no 25º International Congress of History of Science and Technology

Entre 23 e 29 de julho, o Rio de Janeiro sediou o 25º Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia. Essa foi a maior reunião da Division of History of Science and Technology da International Union of History and Philosophy of Science and Technology (conhecidas pelas siglas em inglês DHST e IUHPST, respectivamente). Apesar de essas instituições só terem recebido um nome após a Segunda Guerra Mundial, suas origens podem ser atribuídas ao primeiro Congresso Internacional de História da Ciência, que se realizou em Paris, em 1929. Após a guerra, as reuniões passaram a ser organizadas a cada quatro anos (a penúltima edição aconteceu em Manchester, em 2013). Apenas em 2001 ocorreu na América Latina; foi o 21º Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia, na Cidade do México, sob o título de “Ciência e diversidade cultural”. Quatro anos depois, o congresso chegou a Pequim, com o nome de “Globalização e diversidade: a difusão da ciência ao longo da história”. Esses dois eventos foram um claro indicativo do crescimento do campo nos países em desenvolvimento. Este ano, centenas de pesquisadores de diversos países vieram ao Brasil para discutir as diferentes dimensões do tema “Ciência, tecnologia e medicina entre o global e o local”. Dedicamos a carta a esse tema geral, mencionando um simpósio que foi de interesse da revista, e também realizamos um importante anúncio sobre *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.

Nos últimos anos, uma virada global, ou uma ênfase na circulação transnacional de conhecimento, pessoas e bens materiais, teve forte impacto na história da ciência. Novos códigos, como “história global”, “circulação transnacional” e “provincialização da Europa”, estão substituindo termos usados anteriormente, como “centro” e “periferia”, e alguns argumentam que o “Estado-nação” passará a não ser mais a estrutura de análise. A maioria dos historiadores abraçou com entusiasmo a virada global, com a promessa de demonstrar como o conhecimento é formado e reconfigurado em um movimento global (em oposição a locais específicos), alguns não acreditam que uma história verdadeiramente supranacional possa ser estudada, e muitos utilizam os termos de forma ambivalente. Gostaríamos de fazer uma pequena contribuição à discussão sobre a virada global, propondo algumas perguntas provocativas: a história global da ciência seria o mesmo que a história da circulação transnacional do conhecimento? A história transnacional seria uma metodologia ou um jargão da moda? A história global seria uma ideia antiga com nova roupagem? A história da ciência global, ou a história da ciência transnacional, seria um estudo dos encontros e confrontos

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702017000300001>

de elites ao redor do mundo? As perguntas especialmente importantes para a América Latina são: devemos descartar os estudos regionais (América Latina sendo uma dessas regiões) como uma invenção da Guerra Fria e das universidades norte-americanas? E considerando a forte tradição de se trabalhar apenas com arquivos nacionais e a crise econômica generalizada da atualidade, seria possível viajar para diferentes arquivos pelo mundo?

Além dessas questões, os estudos sobre América Latina sugerem que é importante considerar o papel da assimetria, da invisibilidade e do domínio de línguas. Em termos de assimetrias, a iniquidade foi e continua sendo uma característica intrínseca das sociedades do mundo todo. A distribuição desigual de recursos científicos, poder e prestígio, foram especialmente críticas nas Américas desde o século XVI. Essas iniquidades afetaram o escopo, o ritmo e a variedade dos tipos de circulação e foram cruciais para justificar lideranças científicas. Por esse motivo, mesmo fora dos limites da circulação da ciência, parece pertinente falarmos sobre a circulação assimétrica do conhecimento.

Os estudos sobre circulação também precisam levar em conta a persistente tendência de ignorar por completo as contribuições feitas por curandeiros, sábios, acadêmicos e a população leiga dos países em desenvolvimento. O conhecimento era com frequência disseminado do local para o global, contrariando a expectativa da supremacia da ciência das metrópoles. Ao mesmo tempo, houve um notável esforço em creditar tais contribuições aos cientistas das metrópoles, retratando a ciência como atividade desempenhada apenas por um pequeno grupo de nações e pessoas, desconsiderando a racionalidade dos atores externos à metrópole. A tendência de tornar os “perdedores” invisíveis na história da ciência sugere que a circulação nunca foi fluida, tranquila, estável ou contínua, e que diversos processos de circulação da ciência e de resistência a tal circulação coexistiram.

Um obstáculo para o maior envolvimento da América Latina com a virada global é a questão do idioma. Ao mesmo tempo que a maior parte da literatura sobre história global é escrita em inglês, francês e alemão, na América Latina se publica principalmente em espanhol e português. Muitos historiadores latino-americanos são capazes de ler em outros idiomas, mas poucos conseguem escrever bem em inglês ou ter acesso a excelentes tradutores, e um número menor ainda envia seus artigos a revistas acadêmicas do *mainstream*, nas quais predomina a língua franca da ciência moderna, o inglês. Como resultado, latino-americanos citam trabalhos em inglês, francês ou alemão, mas seus artigos são raramente citados na Europa ou nos EUA (excetuando os historiadores de Portugal e Espanha). Superar o obstáculo linguístico implica não apenas pedir aos alunos de graduação que leiam em inglês, mas também ensiná-los a expressar suas ideias nesse idioma. Significa estabelecer uma melhor relação de trabalho com tradutores (o que inclui mais recursos financeiros dedicados à tradução), e promover publicações bilíngues e transnacionais cuja autoria seria dividida entre historiadores com o domínio de línguas distintas (uma combinação que também enriqueceria a perspectiva das histórias transnacionais da ciência e facilitaria o acesso a coleções de diversos arquivos). De todo modo, a virada global é uma oportunidade para aperfeiçoar e recriar nosso campo, mas é preciso cuidado; flexibilidade de recursos, metodologias, perspectivas e interpretações seriam essenciais para as futuras histórias da ciência na América Latina.

O congresso deste ano contou com muitos simpósios interessantes. Um deles, que é especialmente do nosso interesse, teve como título “Os desafios do século XXI para revistas

de história da ciência e da medicina”. No encontro, foi discutido como, desde os anos 1990, as revistas de história da ciência de diversos países têm enfrentado desafios relativos a sustentabilidade financeira, profissionalização e utilização de mídias sociais. A maior parte dos palestrantes era de editores ou membros de equipe de revistas publicadas em diferentes países. Os trabalhos apresentados foram particularmente importantes para repensarmos nossa própria revista.

Uma das questões levantadas nesse simpósio – e até mesmo antes – é a necessidade de publicar artigos que façam uma ampla revisão dos achados e debates cruciais do campo de estudo e melhorem o diálogo com outros públicos além de historiadores que tenham interesse no conhecimento e na sociedade. Neste número de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, iniciamos o que esperamos que se torne prática regular e uma nova seção da revista: incluiremos artigos de revisão historiográfica, que proporcionarão uma perspectiva profunda e panorâmica do que foi alcançado sobre temas selecionados e do que precisa de mais investigação. Esperamos também que esses artigos se tornem uma ferramenta educacional para estudantes de pós-graduação, intensificando nosso processo de internacionalização e nos ajudando a celebrar 25 anos de existência em 2019. Nesta edição, Nelson Sanjad, historiador experiente do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, foi incumbido de escrever sobre exposições internacionais relacionadas à América Latina. Ele produziu uma análise elegante, singular, rica e perspicaz, que temos o grande prazer de publicar. É preciso mencionar que esse artigo foi possível graças aos recursos que recebemos da *Wellcome Trust* há cerca de um ano.

Por fim, este número contém não apenas artigos relevantes, mas surge em um momento significativo para a história da ciência. Esperamos que *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* ajude a manter a relevância e a importância do nosso campo em prol de nossos leitores e da comunidade a que servimos. O fato de a revista ter um dos editores científicos como presidente eleito da Division of History of Science and Technology da IUHPST, outro saldo do Congresso Internacional ocorrido no Rio de Janeiro, certamente contribuirá para isso.

*Marcos Cueto*, editor científico

*André Felipe Cândido da Silva*, editor científico